

ASA SUL

ONDE MORA DEUSA GOMES BARBOSA

2006

1975

Na banda direita do Plano Piloto pulsa o orgulho de quem mora em sítio puramente moderno

A deusa da primeira asa

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

A Asa Sul é daquele tipo de lugar que desperta paixões. Nasceu Brasília, virou Plano Piloto. De berço tão original, revela bairrismos exacerbados como o do estrangeiro longe da sua terra natal. O bairro de 90 mil moradores faz par com a Asa Norte no traçado de dois eixos cruzados em ângulo reto. É o sinal da cruz brasiliense, a capital que escolheu a área residencial para fincar o primeiro templo católico dois anos antes da inauguração.

Foi a Igrejinha da 308 Sul que recebeu Deusa Gomes Barbosa, 51 anos, para a primeira oração em solo candango. Era 1974. A hoje prefeita da 211 Sul tinha 22 anos. Trocava o vocabulário goiano de Palmeiras de Goiás pela mistura de origens dos habitantes do Distrito Federal. Encontrava o futuro marido: o funcionário público Humberto Fernandes Barbosa, 13 anos mais velho. Casaram-se no mesmo ano. Na Igreja Nossa Senhora das Graças, na Asa Norte.

Como tantos migrantes, Deusa e Humberto se mudaram para o DF a trabalho – ele assumiria cargo no Banco do Brasil. “As pessoas chegavam em busca de um sonho. E eram recebidas por um bairro com cara de interior. Era tranquilo, todas as pessoas se conheciam e nem precisávamos trancar o carro para comprar um pão ou qualquer outra coisa”, relembra Deusa.

Em meados dos anos 70, a arborização havia começado. Mas flamboyants, espatódias, guapuruvus e sibipirunas, plantas estranhas ao cerrado, ainda não tinham porte suficiente para espalhar o verde tão freqüente na zona central de Brasília. Até o início dos anos 80, nem mesmo gramíneas fincavam raízes em todas as entrequadras. “Tinha muito barro, ficava alagado quando chovia”, diz Deusa. Hoje, alguns dos exemplares plantados há 40 anos acabaram no chão pela ação do homem. Programa do governo os substituirá por árvores típicas do cerrado.

Deusa e Humberto iniciaram o caso de amor com a Asa Sul no Bloco I da 204. Quadra recém-construída, mas que contava com um parquinho para a criançada. Fato raro numa época em que a iluminação pública era deficiente. O primeiro endereço dos Barbosas marcou o início da vida do casal. Foram momentos de tranquila adaptação. E tempo para investir no crescimento da família. Raquel, 30 anos, e Gustavo, 27, nasceram num mundo de concreto que pouco lembrava a atual urbanização da Asa Sul.

Nas duas primeiras décadas que se seguiram à inauguração de Brasília, as superquadras se resumiam a nove. A maioria abrigava funcionários públicos. O restante se resumia a área de cerrado ou a carcaças de prédios em construção. O casal mudou de endereço em 1982. Trocou a 204 Sul pela 211 Sul. Marina, a caçula, chegou logo em seguida. Hoje, a moça tem 22 anos. Nasceu às vésperas de Brasília receber o título de Patrimônio da Humanidade.

Com a família encaminhada, Deusa se concentrou na dedicação aos filhos. E passou a paixão pelo bairro para as crianças. Educação, esporte, compras, tudo era feito na Asa Sul. Deusa aproveitava que o marido não dirigia, para levar e buscar os filhos na escola, clubes e, mais tarde, festas. A meninada sempre estudou em escolas da Asa Sul. A infância se passou no Colégio Rosário (908 Sul). A adolescência, no Maristão (615 Sul). “Eu levava uma vida dedicada à família. E o bairro oferecia tudo que a gente precisava, principalmente segurança”, atesta.

Ah, a avenida!

Deusa também enchia a despensa na W3 Sul. A avenida em nada lembrava a decadência que vigorou a partir dos anos 90. Restaurantes, supermer-

dos e lojas de tudo quanto é tipo abarrotavam de pedestres as calçadas das 500. Era um Setor Comercial Sul, de tanta gente reunida. “Comércio era na W3, não tinha outro jeito. Havia de tudo lá. Vez ou outra íamos ao Conjunto Nacional”, conta. Nos fins de semana, a família se reunia no Bon Apetit (203 Sul), Bar do Valença (Setor Hoteleiro Sul), Pizzaria Dom Bosco e Xique-Xique (107 Sul). A dedicação religiosa se cumpria na Igrejinha da 308. “Íamos todos os domingos.”

As superquadras já se recheavam de prédios, mas os parquinhos e as quadras de esportes se resumiam a dois ou três conjuntos residenciais. Jardim Zoológico e Parque da Cidade surgiam como alternativas para a gurizada.

Deusa relembra ainda do tempo dos piqueniques nas residenciais. Pela manhã, muitas mães organizavam lanches comunitários. A gente descia com os filhos e servia pão de queijo e suco numa toalha estendida no chão. A Asa Sul alcançava os 30 anos. Os filhos de Deusa, a adolescência. As festas rolavam não só na Asa Sul, mas na boate Zoom, no Lago Sul. A farra se estendia para a casa da família. “Tinha dia que eram seis, sete colchões dentro da minha casa à noite. Mas a gente adorava.”

A Asa Sul mudou a partir do fim dos anos 80. O bairro ganhou perfil de cidade grande. Alcançou a década seguinte amadurecido e com problemas de superpopulação. Ocorreram as invasões de puxadinhos nas comerciais; o barulho dos bares e restaurantes; os congestionamentos e o desrespeito ao tombamento. Assaltos se tornaram freqüentes. Surgiram as gan-

gues de adolescentes pichadores. E já se ouvia falar de seqüestro-relâmpago.

Gente jovem

Em 1997, as residenciais estavam praticante completas. Coleta de lixo, asfalto e iluminação pública alcançavam todas as quadras. A idade média dos moradores era de 36 anos. A alteração na paisagem urbana, no entanto, entristeceu Deusa. Ela optou por se concentrar na 211 Sul os esforços para manter intacto pelo menos um pedaço do verde do Plano Piloto. A batalha incluiu recusa de convites para morar no Lago Sul. “Para que me mudaria para outro lugar depois

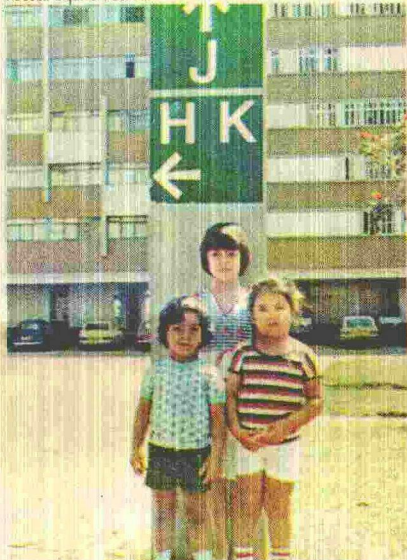
Fotos: Patrick Grosner/Especial para o CB/17.4.06



Há mais de 30 anos, Deusa mora na Asa Sul. Aproveitou o esplendor da W3, viu as primeiras árvores crescerem, ia às missas de domingo na Igrejinha. Hoje, briga para não entregar à especulação imobiliária os lotes destinados aos restaurantes de unidades de vizinhança



Fotos: Arquivo Pessoal



Raquel (atrás, no alto) e dois primos na infância debaixo do bloco. Deusa em passeio de bicicleta pelo Parque da Cidade nos anos 80